



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO - CEDUC
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO**

GLAIDSON CARLOS DE MEDEIROS

**O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS
NA ESCOLA ESTADUAL MONSENHOR AMÂNCIO RAMALHO**

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

GLAIDSON CARLOS DE MEDEIROS

**O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS
NA ESCOLA ESTADUAL MONSENHOR AMÂNCIO RAMALHO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação em Filosofia da Educação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação.

Área de concentração: Filosofia

Orientador: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M488e Medeiros, Glaudson Carlos de

O ensino de Filosofia no ensino médio [manuscrito] : desafios e perspectivas na Escola Estadual Monsenhor Amâncio Ramalho / Glaudson Carlos de Medeiros. - 2016.

49 p.

Digitado.

Monografia (Filosofia da Educação) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda, Departamento de Filosofia".

1.Ensino. 2.Filosofia. 3.Metodologia. I. Título.

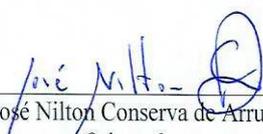
21. ed. CDD 107

GLAIDSON CARLOS DE MEDEIROS

**O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS
NA ESCOLA ESTADUAL MONSENHOR AMÂNCIO RAMALHO**

Trabalho de Conclusão apresentado ao programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação (PGFILE) da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação.

Aprovado em 21/09/2016.



Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB
Orientador



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador



Prof. Dr. Julio Cesar Kesting / UEPB
Examinador

Dedicatória

Ao meu pai e a minha mãe pela dedicação,
companheirismo e amizade.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. José Arlindo Aguiar, coordenador do curso de Especialização, por seu empenho.

Ao professor José Arlindo Conserva de Arruda, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Ao professores do curso de Especialização da UEPB, que contribuíram ao longo de trinta meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

As professora Jacinta de Fátima Lima e Adriana Cardoso pelo apoio e contribuição neste trabalho.

Ao amigo Sebastião Salustiano de Farias pela amizade e apoio no decorrer do curso.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

RESUMO

O presente trabalho acadêmico intitulado O Ensino de Filosofia no Ensino Médio: Desafios e Perspectivas na Escola Estadual Monsenhor Amâncio Ramalho tem como objetivo traçar sucintamente uma trajetória histórica do ensino de filosofia na educação básica no Brasil, contextualizando com a prática encontrada no ensino médio de uma escola da rede estadual de ensino no Estado do RN. Enfatizando os problemas deixados pela dinâmica dos movimentos que levam a entrada e saída da disciplina nos currículos, ressaltamos a proposição de uma metodologia atrativa para os jovens na atual sociedade. O estudo ressalta a importância da disciplina para exercício pleno da cidadania, da formação crítica e reflexiva. A metodologia aplicada na pesquisa foi a bibliográfica. Percebeu-se ao fim da pesquisa que os conteúdos livrescos e a história da filosofia devem ser acompanhados de uma reflexão acerca das condições de existência dos alunos, bem como, que o fazer pedagógico deve ser sempre revisto e repensados, apontando para a utilização de metodologias inovadoras com projetos pedagógicos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino, Filosofia , Metodologia.

ABSTRACT

This academic work entitled *The Teaching Philosophy in high School: Challenges and Perspectives in the State School Monsenhor Amâncio Ramalho* aims to briefly trace a historical trajectory of philosophy teaching in basic education in Brazil, contextualizing the practice found in high school a school state education system in the State of RN. Emphasizing the problems left by the dynamics of the movements that take the input and output of the discipline in the curriculum, we emphasize the proposition an attractive approach for young people in today's society. The study emphasizes the importance of discipline for full exercise of citizenship, critical and reflective training. The methodology used in the research was the literature. He was noticed at the end of the research that the bookish content and the history of philosophy must be accompanied by a reflection on the conditions of existence of the student as well as the pedagogical practice should always be reviewed and rethought, pointing to the use of methodologies with innovative educational projects.

KEYWORDS: Education, Philosophy, Methodology.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	CONTEXTO HISTÓRICO DO ENSINO DE FILOSOFIA NO BRASIL	12
3	O NEOLIBERALISMO E A FILOSOFIA	17
4	O CONTEXTO DE ENSINO	20
5	UMA EXPERIÊNCIA EXITOSA	25
5.1	UMA PROPOSTA DE ENSINO	26
5.2	PROJETO: CONSTRUINDO VALORES NA ESCOLAR PARA VIVER BEM EM SOCIEDADE	37
6	CONCLUSÃO	46
	REFERÊNCIAS	48
	ANEXOS	49

1 Introdução

O ensino de filosofia no Ensino Médio das escolas públicas e privadas passou a ser obrigatório em 2006. Tal determinação se deu pela necessidade e importância do papel da filosofia na consolidação da democracia, no desenvolvimento do espírito crítico e na formação cidadã, oportunizando o pensamento independente.

Nessa etapa da educação, a filosofia contribui para a reflexão da identidade dos jovens, desejos e expectativas. É importante que os educadores e alunos não a vejam como uma disciplina a mais no currículo. A presente pesquisa pretende contribuir com o debate acadêmico acerca do ensino de Filosofia no Ensino Médio, além de refletir sobre a prática docente, atentando para as experiências exitosas em sala de aula, numa construção sob a ótica do tema “O Ensino de Filosofia no Ensino Médio: desafios e perspectivas na Escola Estadual Monsenhor Amâncio Ramalho”.

A metodologia adotada será a pesquisa bibliográfica, utilizando-se de leituras analíticas, fichamentos, sínteses e resumos. Neste trabalho monográfico utilizar-se-á obras e comentadores afins como: Filosofia em Sala de Aula: Teoria e Prática para o Ensino Médio (RODRIGO, 2014), Paideia: a Formação do Homem Grego (JAEGER, 1989), Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares para o Ensino Lúdico, Resolução CNE/CEB nº 2/2012. (BRASIL, 2012), dentre outras elencadas nas referências.

O trabalho está dividido em cinco seções, iniciando com a introdução, que contém o objetivo da pesquisa, a problemática da discussão, a metodologia e os questionamentos. Na segunda, traz um aparato histórico da educação na Grécia clássica e no Brasil colônia, o contexto de retirada da filosofia no regime militar, seu retorno na redemocratização e sua importância na consolidação da democracia como disciplina obrigatória e a contribuição da mesma na construção da cidadania.

Na terceira seção apresentar-se-á sucintamente a influência do neoliberalismo na educação e seus malefícios.

Na quarta far-se-á uma reflexão sobre as práticas tradicionais conteudistas, elencando as experiências exitosas em sala de aula.

A conclusão desta pesquisa se apresentará na quinta seção, na qual expor-se-á as considerações sobre o ensino de filosofia e os questionamentos sobre a prática docente na disciplina de filosofia no ensino médio, fruto de uma pesquisa participante.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DO ENSINO DE FILOSOFIA

A educação de uma sociedade é pautada pelos interesses de cada momento histórico, posto que tem suas demandas e necessidades emergentes. Afirma Werner Jaeger (1989, p.61):

A não-separação entre a estética e a ética é característica do pensamento grego primitivo. O procedimento de separá-las surge relativamente tarde. Para Platão, ainda, a limitação do conteúdo de verdade da poesia homérica acarreta imediatamente uma diminuição do seu valor.

Assim, várias foram as mudanças na maneira de fazer educação no percurso da história. Platão julga desnecessário ou inconveniente o poeta como a figura central na educação de então. Apesar de citar Homero em seus escritos, quem deve educar é o filósofo.

Em se tratando do ensino de filosofia, o mesmo vem passando por um processo de consolidação institucional nos últimos anos, fruto de lutas dos departamentos de filosofia de inúmeras universidades do Brasil. Em 2008 é implementada definitivamente como disciplina obrigatória nos currículos das escolas públicas e privadas.

Para melhor compreensão desta afirmação, faz-se uma retrospectiva histórica, incursionando no século IV e V a.c., aproximadamente, quando Platão, apesar de citar Homero em seus escritos, diz que quem deve educar é o filósofo. O conteúdo ético e religioso dos antigos poetas iriam se distanciando do novo modo de se educar na Grécia clássica. Os deuses e heróis da mitologia passaram a ser mera fantasia. Tornando-os obsoleto para o contexto da educação vigente. Acrescenta Giovanni Reale e Dario Antiseri (1990, p. 165):

A educação prevista por Platão para os governistas coincidia com os exercícios necessários para o aprendizado da filosofia, suposta e coincidência entre o verdadeiro filósofo e o verdadeiro político.

A filosofia tem lugar privilegiado na República de Platão. Tal cidade ou governante (filósofo) são responsáveis pela Educação dos cidadãos. Assevera Jaeger (1999, p.63): “A filosofia e a reflexão filosófica atingem a universidade e penetram na essência das coisas. Mas atuam somente naqueles cujos pensamentos chegam a adquirir a intensidade de uma vivência pessoal”.

Portanto, em Platão, a educação tem como função levar o cidadão ao conhecimento é a contemplação do bem¹, conduzindo-o ao conhecimento.

Os Sofistas foi um conjunto de pensadores, grupo de intelectuais da Grécia Clássica que também mudaram o foco do conhecimento, e, portanto, da educação. Por muito tempo, os Sofistas ficaram à margem do pensamento filosófico. Na visão de Platão e Aristóteles, os mesmos eram vistos com um olhar depreciativo. Afirma Reale e Antiseri (1990, p. 165): “O movimento sofista foi desvalorizado, sendo considerado predominantemente como momento de grave decadência do pensamento grego”. Contudo, os Sofistas conseguiram captar os sinais de mudança na sociedade grega. Como por exemplo, o apogeu da democracia e a crise da aristocracia. Afirma Reale e Antiseri (1990, p.74): “No século V a.c., manifestaram fermentos sociais, econômicos e culturais que, ao mesmo tempo, favoreciam o desenvolvimento da sofística e, por seu turno, foram por ele favorecidos”.

Desta forma, depois de muito tempo e das novas interpretações acerca dos Sofistas, percebeu-se a sua importância e contribuição ao desenvolvimento do período humanista² da filosofia antiga. De fato, os sofistas protagonizaram uma verdadeira revolução, “deslocando o eixo da reflexão filosófica da *physis* e do cosmos para o homem” (Reale e Antiseri, 1990, p.73)

O homem grego, vê-se, historicamente, sedento e ansioso por uma nova maneira de conceber o mundo. Seria imprescindível libertar-se dessa tradição decadente. Afirma Eduardo C.B. Bittar e Guilherme Assis de Almeida (2007, p.73):

Isso no sentido da libertação dos cânones Homéricos e das legendárias tradições patriarcais e sacerdotais que dominavam o espírito grego. Somente no século V a.c. solidificam-se condições que facultam que as tensões humanas estejam completamente voltadas para as coisas humanas (comercio, problemas sociais, discussões políticas, guerras intracitadinas, expansão de território...)

¹ Desta forma, o ‘Bem’ emerge como principio primeiro, do qual o mundo ideal. O Demiurgo aparece como gerador do cosmos físico em razão da sua ‘bondade’ e o ‘Bem’ constitui o fundamento da cidade e do agir humano. (Reale e Antiseri) (1990, p. 165)

² “Pode-se dizer que, com esse sentido, o humanismo é toda filosofia que tome o homem como ‘medida das coisas’, segundo antigas palavras de Protágoras.” (Nicola Abbagnano, 2000, p. 519).

A grande novidade do movimento sofista, pois, seria colocar o homem real, e não o perfeito, no centro das atenções. Assim, os Sofistas protagonizaram uma verdadeira revolução na educação da Grécia Clássica por serem portadores de uma liberdade de espírito sem precedentes em relação às tradições e normas, importantes ao exercício da filosofia. No Brasil, também se percebeu várias mudanças na educação. Na colonização, a filosofia esteve presente como suporte para justificar a dominação católica. Afirma Oliveira (2012, p.3)

Pode-se então destacar como influencia no plano dos estudos dos jesuítas a presença marcante da Filosofia e da Literatura clássica, pois o regate dessas disciplinas faz com que, principalmente no campo da filosofia, a ética de Aristóteles seja tomada como estudo para a exaltação nas virtudes humanas, sendo que o conteúdo desta disciplina consistia em decorar as obras de Aristóteles e da filosofia Escolástica. Dessa forma, o pensamento medieval foi se construindo como a releitura cristã do mundo grego romano para a subjugação cristã, por isso a importância do estudo da filosofia como disciplina dominante no plano de estudos dos jesuítas.

Mas é precisamente no século XX e início do século XXI que a filosofia e seu ensino passam por altos e baixos, ou seja, no entra e sai dos currículos da educação pública, atendendo aos interesses dominantes. Quando se pretende falar no ensino de filosofia, nem sempre foi para problematizar o contexto histórico, mas também sustentá-lo.

Nesse período da história do Brasil, a filosofia teve um papel importante para a dominação dos indígenas, adquirindo com isso um caráter religioso. Sua finalidade era apenas a formação erudita das classes dominantes.

O século XVIII foi marcado por profundas mudanças no campo econômico e social. No cenário mundial, foram os ideais (liberdade, propriedade privada e cientificismo) das Revoluções Burguesas que chegaram ao Brasil. Afirma Oliveira (2002, p.3): “Marcada pelas ideias humanistas e universais do pensamento europeu, com a chegada de Marquês de Pombal e o advento dos ideais iluministas, que ocasionaram mudanças estruturais na colônia.”

As ideias iluministas e liberais começam a se infiltrarem na colônia e, conseqüentemente, na educação. Desta forma, naquele contexto, com as reformas educacionais, a filosofia deveria atender aos objetivos da ciência.

Em 1889 com a laicização do Estado com o advento da República, a Filosofia foi se afastando do currículo escolar. Aponta Oliveira (2012, p.4)

Com essa “parceria” feita com a religião católica, a filosofia pagou um preço. Em 1889 com a laicização do Estado na República, a Filosofia foi se afastando do currículo escolar. Aponta Oliveira (2012, p.4)

O Ministério da Instrução Pública pautou-se nos princípios de liberdade e laicidade do ensino, enfatizando em maior intensidade as ciências positivas no currículo, deslocando então o ensino de Filosofia como facultativo.

Assim, nesse espírito de liberdade do novo estado independente e livre da religião católica é que a filosofia é concedida com descrédito.

A filosofia foi incluída no secundário no início do século XX. Posteriormente em 1932 o ensino secundário passou por modificações no âmbito estrutural. O secundário passou a ter sete séries, sendo cinco de estudo básico e duas propedêuticas para as futuras especializações. A filosofia não ficou definida e nem clara, fazendo parte das ciências sociais. A responsabilidade da implementação ou não da filosofia nas escolas ficou a cargo do poder de decisão dos Conselhos Federais e Estaduais de Educação. Portanto, mesmo com as reformas Rocha Vaz, Francisco Campos e Campanema, a filosofia ainda tinha a função de manter a ordem vigente, o que contraria a essência da filosofia.

Em 1925, com o Decreto 16.782, a Filosofia foi reconduzida ao ensino médio como disciplina obrigatória. Desta vez tendo como função de preparar os estudantes para a vida. Mas sem uma definição a cerca dos conteúdos.

Durante os 36 anos em que se manteve no ensino médio como disciplina obrigatória, a Filosofia deixou muito a desejar. Outros fatores influenciam no seu êxito, por exemplo, quase não se tinha cursos de licenciatura plena em filosofia no Brasil, além das escolas funcionarem em precárias condições.

Com a ascensão de Jânio Quadros ao poder, em 1960, em face de uma crise institucional, social e econômica sem precedentes da história, ele prometeu acabar com a corrupção, equilibrar as finanças e a inflação. Seu governo foi muito contraditório. Dizia combater o comunismo, mas chegou a condecorar Ernesto

“Che” Guevara, um dos líderes da Revolução Cubana. Com a LDB 4.024/61 a filosofia foi retirada da vista das disciplinas obrigatórias, passando a ser optativa, situação esta que se agravaria ainda com o golpe militar de 1964.

Com o governo ditatorial dos militares no Brasil, o ensino de 1º e 2º graus passou por uma reforma promovida pela Lei nº 5.692/71. Diz Lídia Maria Rodrigo (2009, p.8):

Nessa reforma que deixa de lado as humanidades para priorizar disciplinas que propiciassem uma formação técnica-profissionalizante, a filosofia foi incluída no rol das disciplinas optativas, o que levou à sua progressiva extinção.

O interesse agora era o desenvolvimento econômico do país. Na visão dos militares isso só seria possível com o conhecimento científico, exato e quantitativo e não reflexivo. Assevera Rodrigo (2009, p.8):

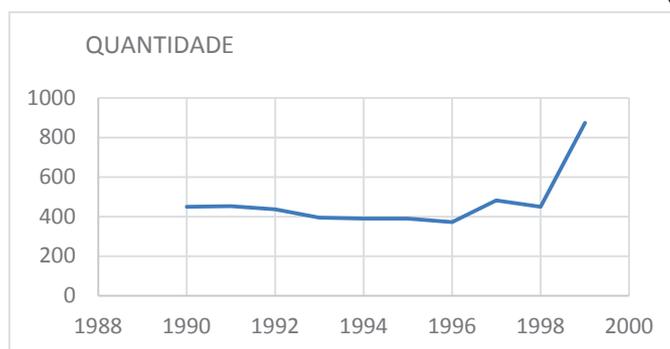
Para avaliar a que ponto sua presença no currículo se tornou precária, basta considerar os dados apresentados pela professora Marileira Chauí em uma comunicação feita na 29ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) em 1977: de um total de 250 colégios de São Paulo, apenas 17 mantiveram a filosofia. A situação atingiu seu ponto mais crítico em 1978, quando foi pura e simplesmente eliminada do ensino secundário.

Diante do exposto sobre a trajetória da disciplina de filosofia na educação pública no Brasil, indubitavelmente, “o domínio dos conteúdos de filosofia e sociologia são necessários ao exercício da cidadania”. (BRASIL, 1996, p.14)

3 O NEOLIBERALISMO E A FILOSOFIA

A educação no Brasil definitivamente se enquadraria dentro do modelo neoliberal.³ Foi nesse período que houve um crescente processo de massificação do ensino médio, passando a receber camadas sociais menos privilegiadas. Afirma Rodrigo (2009, p.10) “Uma clientela com as características diferentes da anterior com grandes deficiências do ponto de vista da cultura erudita ingressava numa instituição escolar”.

Foram nas décadas 1980 e 1990 que se percebeu um aumento significativo nas matrículas no ensino médio. Como mostra o gráfico abaixo.



Fonte: Secretaria da Escola Estadual Monsenhor Amâncio Ramalho

Na medida em que aumentam as vagas no sistema público de ensino, diminui-se sua qualidade.

Na década de 2000 o Brasil passou por momento político singular. A eleição do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva representou um marco importante no sentido de ter sido um acontecimento resultante das forças sociais progressistas. Afirma Francisco de Oliveira citado por Gaudêncio Frigotto

Na periodização de *longue duree* brasileira, a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva para a presidência da República, ancorada na excepcional performance do partido dos trabalhadores e de uma ampla frente de esquerda, tem tudo para ser uma espécie de quarta refundação da história nacional, isso é um marco de não retorno a partir do qual impõem-se novos desdobramentos.

Havia uma grande expectativa, pois foi na história da recente democracia, que pela primeira vez a esquerda assumiria o poder, dando um amplo acesso aos

³ O Brasil entregou a educação de seu povo ao modelo neoliberal do Banco Mundial. Fez isso dentro de uma lógica que marcava uma época, década de 1990 e que já não seria mais para os países que foram berço do neoliberalismo. Entregou, como entregou empresas estatais, junto, como controle da produção e serviço um diversos setores.

bens econômicos sociais e educacionais. No campo da educação, foram intensificadas as discussões em torno da importância da consolidação da democracia. Muito embora a educação ficou subjugada aos interesses neoliberais.

Recentemente, a EEMAR foi premiada com um projeto institucional, trata-se do PIP (Projeto de Inovação Pedagógica que tem como função minimizar o problema da aprendizagem enfrentada pelos alunos na disciplina de matemática, fruto de uma metodologia inadequada, dissociada da realidade atual do aluno. Sobre isso, afirma Ghecin (2009, p.12): “Transformar práticas e culturas tradicionais e burocráticas das escolas que, por meio da retenção e da evasão, acentuam a exclusão social”. O que não interessa aos órgãos que financiam a educação brasileira. Assim, a respeito dos conteúdos e da profissionalização na concepção neoliberal, afirma Arce (2011, p. 259) :

Com o interesse do capital pela educação algumas consequências podem ser hipotetizadas: a) O ensino básico e o técnico vão estar na mira do capital pela sua importância na preparação do novo trabalhador; b) a didática e as metodologias de ensino específicas (em especial alfabetização e matemática) vão ser objeto de avaliação sistemática com base nos resultados (aprovações que geram); c) a ‘nova escola’ que necessita de uma nova ‘didática’ será cobrada também por um ‘novo professor’ todos alienados com as necessidades de um novo trabalhador; d) tanto na didática como na formação do professor haverá uma ênfase muito grande no operacional, nos resultados a didática poderá restringir-se, cada vez mais, ao estudo de métodos específicos para ensinar determinados conteúdos considerados prioritários, e a formação do professor poderá ser (aligeirada) do ponto de vista teórico; e) os determinantes sociais da educação e o debate ideológico poderão vir a ser consideradas secundários uma ‘perda de tempo motivada por um excesso de politização da área educacional.

As disciplinas reflexivas, quais sejam, filosofia e sociologia, passam por umas realidades inéditas. Elas são obrigatórias, mas seus conteúdos estão comprometidos diante de uma retomada do tecnicismo sob novas bases: uma espécie de neotecnicismo.

Na perspectiva neoliberal, os conhecimentos devem ser mínimos. O fator determinante na escolha dos conteúdos e fazer com o aluno “aprender a aprender”, ou seja, só se deve ensinar o que o aluno irá utilizar na vida cotidiana.

Assim, as abstrações complexas, como a metafísica de Aristóteles, estão fora dessas necessidades básicas.

4 CONTEXTO DE ENSINO

A filosofia tratada como disciplina obrigatória inclusive na forma da lei, torna possível o debate interdisciplinar, pois também tem seu conjunto particular de conteúdos e conceitos que lhe são próprios amparados numa rica história de problematização. Desde os antigos pré-socráticos, que questionavam a origem do cosmos, até os existencialistas do século XX da nossa era que dizem que somos o resultado de nossas escolhas. Diz Romano (2008, p.22): “Qualquer assunto em filosofia tem a sua importância, portanto, não existe para a filosofia nenhum limite para o pensamento, a discussão, a análise, a dúvida”.

Sendo obrigatória em todas as escolas de ensino médio da rede pública e privada de ensino, como poderão ser organizados os conteúdos, dentro do modelo neoliberal de sociedade? Como se estrutura a disciplina para oferecer um ensino de qualidade às massas? O que e como ensinar a um público mais vasto e menos qualificado em função da profissionalização? Quais dificuldades são encontradas no ensino de filosofia e no Ensino Médio? Esses e outros questionamentos serão tratados na 5ª seção para refletir sobre a discussão ora exposta.

Para que a educação desenvolva sua função plenamente na sociedade atual, faz-se necessário fazer uma reflexão ou focar os esforços na profissionalização do professor. Afirma Evandro Ghecin (2009, p.12) “Nos anos 1980-90, diferentes países realizaram grandes investimentos na área da formação e desenvolvimento profissional de professores”.

É comum a disciplina de filosofia ser ministrada por professores com outro tipo de formação, comprometendo o processo de ensino aprendizagem. Na década de 1980, a disciplina era ministrada por pedagógicos, recorrendo disso uma simplificação do conhecimento filosófico.

Em face do despreparo do professor da disciplina de filosofia, com formação na área ou não, acarreta graves prejuízos à disciplina. Essa preocupação com a formação docente também passa pelas licenciaturas que muitas vezes não preparam o formando para encarar as adversidades de uma sala de aula. Aponta Ghecin (2009 ,p.11):

Os professores são profissionais essenciais nos processos de mudança das sociedades. Se forem deixados à margem, as decisões pedagógicas e curriculares alheias, por mais interessantes que possam parecer, não se efetivam, não geram efeitos sobre a sociedade. Por isso é preciso investir na formação e no desenvolvimento profissional dos professores.

Assim, para que a disciplina de Filosofia seja desenvolvida em sua plenitude com resultados satisfatórios e proveitosos para o exercício da cidadania dos estudantes, faz-se importante assistência aos profissionais. O governo pode oferecer condições para os mesmos cursarem uma segunda licenciatura, como também ofertar cursos de formação continuada. Esse seria mais um ponto analisado na pesquisa.

A escola não é um ente à parte da sociedade, costuma-se dizer, que esta encontra-se no século XVIII e os alunos com práticas, valores e costumes da sociedade atual. Afirma Ghecin (2009, p.12):

Na sociedade contemporânea, as rápidas transformações no mundo do trabalho, o avanço tecnológico configurando a sociedade virtual e os meios de informação incidem fortemente na escola, aumentando os desafios, para torna-la uma conquista democrática efetiva.

Um dos desafios encontrados pelo professor em sala de aula é justamente utilizar meios metodológicos eficazes e atraentes que facilitem o processo de ensino a essa geração de jovens conectados. Sobre isso afirma Rodrigo (2009, p.21): “Os desafios postos pelo ensino de massa tornaram necessário não apenas romper com certas práticas pedagógicas tradicionais, mas também aderir a uma nova concepção de ensino”.

Há muita resistência da escola no geral (alunos, professores, diretores e coordenação pedagógica) no que se refere à novos métodos de ensinagem. É muito presente no seio da escola a figura do professor tradicional preocupado tão somente com os conteúdos livrescos a serem ministrados oralmente. Essas práticas tradicionais, tanto de dar aulas quanto de avaliar, se tornam muito mais cômodas, tranquilas e vantajosas. Para os dias atuais, na sociedade da informação, da imagem e da virtualidade, tais práticas tradicionais são ineficientes no processo de aprendizagem.

Afirma Michael Tozzi citado por Rodrigo (2014, p.11): “É uma tarefa difícil, e até mesmo uma aposta, querer ensinar à massa dos alunos uma disciplina por muito tempo reservada a uma elite escolar.” Desta forma, questiona-se: como ensinar ou como tornar acessível o saber filosófico a um público grande e menos qualificado?

A atual estrutura educacional do Brasil é regida por meio Constituição Federal de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96). A pesquisa ora em curso tem como foco o ensino de filosofia no Ensino Médio na Escola Estadual Monsenhor Amâncio Ramalho (EEMAR).

Por se tratar desse nível de ensino, a competência da organização é da Secretaria Estadual de Educação (SEE). Segundo a Resolução Nº 2, de 30 de Janeiro de 2012, em seu inciso II:

No Ensino Médio Regular, a duração mínima é de três anos, com carga horária mínima total de 2.400 (duas mil e quatrocentas) horas, tendo com referência uma carga horaria de 800 (oitocentas) horas, distribuídas em pelo menos 200 (duzentos) dias de efetivo trabalho escolar.

Desses 200 (duzentos) dias letivos na escola, cabem à disciplina de filosofia 40 (quarenta) aulas anuais, portanto, 10 (dez) aulas bimestrais, o que corresponde a 1 (uma) aula semanal. Isso em cada série do Ensino Médio.

A Escola conta hoje com aproximadamente oitocentos alunos, distribuídos em quinze turmas, sendo seis do primeiro ano, quatro do segundo ano e cinco do terceiro ano. Dispõem de uma biblioteca com um considerável acervo de livros de filosofia, mas carece de projetos de leitura. A escola conta com um aluno com necessidades especiais, surdo, no entanto, não possui recursos pedagógicos: livros e textos em formatos acessíveis, além de tecnologia assistida; comunicações e informações (tradutor) intérprete de libras, guia internet e outros serviços; mobiliários (carteiras escolares acessíveis, cadeira de rodas e outros). Por isso, apesar da escola contar com um corpo de pessoal de apoio, a aprendizagem fica comprometida.

Em termos de conteúdos, comparando com a disciplina de matemática, por exemplo, os mesmos ficam desfalcados, pois a filosofia entra no rol das

disciplinas com uma aula por semana. Em face dessa realidade educacional, assevera Rodrigo (2014; p 21):

Os desafios postos pelo ensino de massa tornavam necessário não apenas romper com certas práticas pedagógicas tradicionais, mas aderir a uma nova concepção de ensino. A Noção de ensino perdeu a autonomia e centralidade de que gozava anteriormente. O professor tradicional preocupou-se, sobretudo, com os conteúdos a serem transmitidos e com a competência para ministrar sua aula magistral, supondo que a aprendizagem seria uma decorrência natural.

Dentro desse contexto de uma aula semanal de filosofia, se faz oportuno o professor rever sempre sua prática para que a mesma não se resuma apenas à transmissão de conteúdos. Em se tratando do ensino médio, não cabe a filosofia somente reproduzir conhecimento, mas tornar o aluno crítico, reflexivo e um cidadão consciente.

Levando em consideração o contexto sócio-econômico-cultural do aluno, o ensino tradicional estabelece limites. Numa visão tradicional de ensino, muitas vezes reprovando-o, impedindo do mesmo ir adiante, aponta Rodrigo (2014, p.22):

Mas, enfim, seja qual for a razão, se o aluno não possuir esses requisitos, é preciso, juntamente com os conteúdos filosóficos, investir na sua aquisição, ou seja, na capacidade de ler, interpretar, abstrair, argumentar, redigir, etc.

Nesse sentido, a filosofia tem em si condições muito favoráveis para esse tipo de trabalho. Assim, a filosofia se configura, nessa etapa da educação, um saber dotado de valor educativo permitindo não somente vir a ter conhecimentos, mas também aprender habilidades e hábitos de leitura.

Outro fator que influencia no processo de ensino e aprendizagem é organização das turmas. Em média, a sala de aula apresenta trinta e cinco alunos. A diversidade e especificidade se apresentam de forma muito acentuada. Numa metodologia tradicional, centrada no professor como detentor do conhecimento o rendimento da aprendizagem fica comprometida oportuniza uma metodologia que atente para as individualidades e especificidades na sala de aula.

Os problemas que os professores de filosofia passam, constituem-se uma extensão da realidade nos cursos de licenciatura plena. Segundo Rodrigo (2014, p.67):

No Brasil, a formação do professor de filosofia se dá nos cursos universitários de graduação, onde ainda é bastante comum a fórmula 3+1, ou seja, três anos de disciplinas específicas, de conteúdo filosófico e um ano reservado às disciplinas de natureza pedagógica.

É perceptível que, tanto na formação específica quanto na pedagógica, as deficiências são evidentes. Ambas não preparam o professor para enfrentar uma sala de aula. Afirma Arce (2001, p.266):

O documento [...] simplesmente trata a formação dos mesmos, adotando o princípio das Neba (conhecimentos e necessidades mínimas que o professor deve receber para realizar o seu aprender fazendo ou aprendendo a aprender) para professores, pois não apresentam uma proposta de formação que atenda as especificidades.

As políticas neoliberais para a educação minimizando os conteúdos da formação dos professores, comprometem o papel do educador, como detentor dos conhecimentos. Assim, é urgente romper com tais políticas de mercado para a educação.

5 UMA EXPERIÊNCIA EXITOSA

A execução de determinadas práticas de ensino não depende somente do professor, mas deve se levar em consideração a estrutura geral da escola, equipe de apoio, perfil do aluno e apoio material, não depende somente do professor, mas sobretudo da concepção que a escola tem no PPP sobre ensino aprendizagem.

A perspectiva mais tradicional de ensino é pautada na lógica do professor como detentor do conhecimento. Em contra posição, a postura pedagógica centrada no aluno é mais proveitosa nas aulas de filosofia. Afirma Rodrigo (2014, p. 72): “Em posição a essa postura, nas últimas décadas, passou a ser enfatizada uma conduta pedagógica mais centrada na aprendizagem, não apenas na aquisição de conteúdo.”

A carga horaria do professor lotado na Secretaria de Educação do RN é de 30 horas semanais. Sendo vinte em sala de aula, cinco de planejamento e cinco de departamento.

A execução de uma aula é a parte conclusiva de um processo de organização e planejamento que são imprescindíveis para uma boa prática docente. Infelizmente, grande parte dos docentes não dispõe de tempo, pois os mesmos têm uma carga horaria dobrada para suprir as necessidades, mas isso não é tratado nesta pesquisa.

Tem-se duas formas de ensinagem, uma mais tradicional e a outra mais dinâmica e aberta que são os projetos, estes julgados salutar e eficientes, que já devem está dentro do programa anual da disciplina. Afirma Rodrigo (2014, p.99):

O programa de disciplina corresponde ao planejamento do trabalho a ser desenvolvido durante o ano letivo, definindo em termos genéricos seus objetivos, conteúdo, avaliação e bibliografia. A implementação desse programa no cotidiano da sala de aula demanda uma planificação mais detalhada e específica de suas diferentes etapas.

Dentro desse programa anual estariam detalhadas as unidades didáticas que seriam os bimestres, com duração de dez aulas, dependendo do desempenho da turma. Abaixo segue um exemplo de uma unidade didática para a primeira série do ensino médio proposta por Rodrigo (2014, p.103):

5.1 Uma proposta de ensino para o primeiro bimestre

OBJETIVOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES	RECURSOS DIDÁTICOS
Estimular a reflexão e o questionamentos sobre as rotinas do cotidiano	A filosofia como postura de ruptura com o senso comum	1- Introdução: as rotinas do cotidiano e a visão comum de mundo	Texto 1: “Cotidiano”, Chico Buarque
Evidenciar a necessidade de romper com o senso comum para a instauração de uma postura filosófica	O nascimento da filosofia na Grécia antiga	2- Problematização: Ruptura com a visão comum de mundo e instauração de uma postura filosófica	Texto 2: “A filosofia e o cotidiano” Jaime Rubio Ângulo
Apresentar algumas noções básicas sobre o que é filosofia e seu sentido na grécia clássica	Filosofia como amor à sabedoria	3- Contextualização: a filosofia como postura crítica e seu nascimento na Grécia	Texto 3: “O Banquete” Platão
		4- Estudo de texto: Platão	

1- Introdução: as rotinas do cotidiano e a visão comum de mundo

Cotidiano - Chico Buarque

Todo dia ela faz tudo sempre igual
Me sacode às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca de hortelã

Todo dia ela diz que é pra eu me cuidar
E essas coisas que diz toda mulher
Diz que está me esperando pro jantar
E me beija com a boca de café

Todo dia eu só penso em poder parar
Meio dia eu só penso em dizer não
Depois penso na vida pra levar
E me calo com a boca de feijão

Seis da tarde como era de se esperar
Ela pega e me espera no portão
Diz que está muito louca pra beijar
E me beija com a boca de paixão

Toda noite ela diz pra eu não me afastar
Meia-noite ela jura eterno amor
E me aperta pra eu quase sufocar
E me morde com a boca de pavor

(Chico Buarque, Chico Buarque, letra e musica São Paulo, Cia das letras 1989, p.16. a musica "cotidiano" encontra-se no LP construção de 1971 e no CD de Chico ao vivo e1999.)

Após a audição e leitura da letra da musica, estimular comentarios dos alunos sobre a compressão que tiveram do texto pedir a eles que descrevam suas proprias rotinas cotidianas. Chamar a atenção para características das atividades rotineiras: o hábito de fazer algo sempre do mesmo modo, mecanicamente, repetição monótona das mesmas coisas, seguir caminhos aos quais já estamos acostumados, que já conhecemos e, por isso, nem prestamos mais atenção a eles. Relacionar com o conhecimento o senso comum enquanto conjunto de opiniões e ideias vigentes na sociedade e que são aceitas como naturais e necessárias, sem questionamento e sem reflexão.

2 - Problematização: Ruptura com a visão comum de mundo e instauração de uma postura filosófica

A Filosofia e o cotidiano - Jaime Rubio Angulo

Nossa situação atual exige um pensar profundo e a função do filósofo é pensar. Mas, do ponto de vista filosófico, que significa pensar?

Pensar é refletir. Refletir é como um ruminar, um voltar atrás sobre as coisas. Por isso, são poucos os que refletem e muitos os que memorizam ou acumulam mecanicamente determinadas informações.

Dizíamos que refletir consiste em voltar atrás sobre as coisas, este ato constitui a origem do filosofar. Começar a pensar supõe sempre um despreendimento que podemos denominar crise. *Crise*, que em grego vem do verbo *Krinein* indica mais distanciar-se do que julgar. É necessário "distanciar-se", "partir" da vida cotidiana para pensá-la "de fora". [...] A cotidianidade reside, antes de tudo, na organização diária da vida, na repetição e reiteração das atividades. É a divisão do tempo e do ritmo em que se escoa a história pessoal de cada um. No cotidiano as coisas, as ações, os homens, os movimentos e todo o meio ambiente são dados aceitos como algo conhecido.

No cotidiano tudo está ao alcance da mão e por isso essa realidade é vista como seu próprio mundo.

A cotidianidade constitui uma espécie de tirania exercida por um poder impessoal, anônimo, que impõe a cada indivíduo seu comportamento, seu modo de pensar, seus gostos, suas crenças. O mundo cotidiano é o mundo do familiar. É a partir desse horizonte que compreendemos o mundo, os homens e a nós mesmos.

Todos nós possuímos essa compreensão pelo simples fato de sermos homens, de existirmos. Mas esta compreensão familiar da realidade é um obstáculo para o pensar filosófico.

Para refletir torna-se necessário sair do mundo cotidiano. Este sair do mundo familiar, o "estar fora" do óbvio, do herdado, do cotidiano recebido pela tradição constitui o que os filósofos gregos denominavam o *admirar-se (thaumazein)*. [...] Porque para entender a filosofia é preciso romper com o mundo cotidiano. Como Abraão, devemos separar-nos do cômodo mundo familiar, do lugar acolhedor; esta separação precisa ser amadurecida. Por essa razão, aquele que quiser começar a estudar filosofia deve começar tomando consciência do cotidiano e, lentamente, romper com ele. Por isso, este primeiro capítulo não é uma dissertação epistemológica ou filosófica: é tão somente um convite. Um convite à morte de nossa cotidianidade. Estando seguros e assegurados no óbvio, não poderemos pensar. Este pacífico homem que todos nós somos é o homem que diariamente devemos superar e fazer entrar em crise.

(Jaime Rubio Ângulo, "Filosofia y cotidianidad", revista *Análisis*, volX, n. 23, Colômbia, 1976, tradução: Lídia Maria Rodrigo)

EXERCÍCIO

- a) Solicitar aos alunos a leitura individual do texto. Em seguida fazer um rápido esclarecimento sobre o sentido dos termos desconhecidos. (é interessante que eles criem um glossário com palavras e termos cujo significado desconheçam).
- b) Em grupo: dividir a classe em grupos para que respondam, apresentando argumentos e exemplos, à questão: **Em que sentido a visão cotidiana, rotineira e familiar do mundo constitui um obstáculo à reflexão filosófica?**

c) Painel: cada representante expõe a resposta do seu grupo. Abrindo a palavra a todos, você professor sintetiza o que foi apresentado pelos grupos, complementando as respostas dadas. Pode chamar a atenção para a dificuldade e o desconforto de romper com o senso comum, exemplificando com o que é dito no terceiro verso da música de Chico Buarque, em que o sujeito até pensa em romper com a sua vida rotineira, mas, por comodismo, pensando nas dificuldades de enfrentar o novo, o desconhecido, resolve permanecer no seu "cômodo mundo familiar". Ao invés de dizer "não", resolve calar-se "com a boca de feijão", alimento que, no contexto brasileiro, é a comida rotineira, de todos os dias.

2- Contextualização: a filosofia como postura crítica e seu nascimento na Grécia

Aula expositiva, na qual o professor pode provocar a intervenção dos alunos com base no que já foi visto anteriormente. Sugestões de alguns pontos a serem abordados: a palavra "Filosofia" é de origem grega, composta de dois outros termos: Philo (amizade, amor fraterno) e Sophia (sabedoria). O sentido etimológico é amor ou amizade pela sabedoria. A criação da palavra filosofia é atribuída a Pitágoras de Samos (sec. V a. C).

A filosofia pode ser caracterizada, primeiramente, como uma postura ou uma atitude de crítica diante do real, compreendendo dois aspectos: um negativo, outro positivo. Do ponto de vista negativo, a atitude crítica consiste em dizer não ao senso comum, aos preconceitos, as ideias estabelecidas, as crenças injustificadas. Do ponto de vista positivo, assumir uma postura crítica implica interrogar o que são as coisas as ideias e os valores; indagar também porque são assim e não de outra maneira e o que justifica esse modo de ser (cf. CHAUI, 2005, p.18).

A filosofia rompe com o cotidiano de ver o mundo, com o senso comum, a partir da sua problematização, que dizer, da percepção do real como algo contraditório. A atitude filosófica começa por problematizar o mundo que nos rodeia e as relações que mantemos com ele. Isso não quer dizer que o conhecimento do senso comum seja enganoso, mas que ele não consegue apreender toda a complexidade do real, principalmente as significações que não são aparentes, que não se revelam de imediato.

A reflexão filosófica procura, então, elucidar a experiência vivida, sobre o qual o homem já teve uma compreensão previa, mas sem meditar mais detidamente sobre o seu significado. A reflexão sobre as experiências vividas tem esse objetivo: voltar atrás ou retornar a algo que já foi vivido e pensando para poder repensá-lo, ou pensá-lo uma segunda vez, visando aprofundar sua compreensão. Além de problematizar o mundo que nos rodeia e as relações que temos com ele, as perguntas da filosofia também se dirigem ao próprio pensamento: “o que é pensar?”, “o que é conhecer?”, “como conhecer verdadeiramente?”. Desse âmbito, a filosofia torna-se reflexão no seu sentido mais estrito, isto é, um pensamento que interroga a si mesmo.

A filosofia inicia sua investigação num momento muito preciso: naquele instante em que abandonamos nossas certezas cotidianas e não dispomos de nada para substituí-las ou para preencher a lacuna deixada por elas. Em outras palavras, a filosofia se interessa por aquele instante em que a realidade natural (o mundo das coisas) e a realidade histórico-social (o mundo dos homens) tornam-se estranhas, espantosas, incompreensíveis e enigmáticas, quando as opiniões estabelecidas disponíveis já não nos podem satisfazer [idem, ibidem].

A filosofia nasceu na Grécia entre o final do século VII e o início do século VI a. C. no período inicial da sua existência aquele do chamado pré-socrático, suas interrogações buscavam principalmente uma explicação racional sobre os princípios das coisas e a ordem do mundo, o cosmos. A partir de Sócrates e seus sucessores mais conhecidos, Platão e Aristóteles, a filosofia passa a colocar no centro de suas preocupações não mais as questões cosmológicas, mas as questões antropológicas, relativas ao homem, perguntando-se sobre o significado da sua existência e de sua ação.

Embora tenha se originado na Grécia as formas de compreensão do real e os procedimentos lógicos elaborados pelos gregos forneceram a base nacional sobre a qual se estruturou toda a cultura na Europa Ocidental (ciência, política, ética, arte, etc) e que chegou até nós por intermédio da colonização do Brasil pelos portugueses.

Texto 3: O Banquete, Platão

O Banquete, Platão O Banquete ou Simpósio é um diálogo sobre o Amor (Eros) escrito por Platão, um dos mais importantes filósofos gregos, que nasceu em 428-427 a. C. e morreu em 348-347 a. C. Nesse diálogo, o personagem Apolodoro narra o que teria se passado num banquete em que os convidados foram desafiados a fazer o elogio de Eros, o Amor. Vários discursos são feitos, até que chega a vez de Sócrates, personagem que costuma expressar o pensamento de Platão. O primeiro excerto abaixo (199e-200e) refere-se à passagem em que Sócrates, dialogando com Agatão, pronuncia seu discurso sobre a natureza do Amor; no segundo (203e-204b), Sócrates relata o diálogo que teria tido sobre o tema com a sacerdotisa Diotima de Mantinea, no qual a filosofia é identificada com o amor e desejo da sabedoria.

O Banquete – Platão

-Tenta então, continuou Sócrates, também a respeito do Amor dizer-me: o Amor é amor de nada ou de algo?

- De algo, sim.

- Isso então, continuou ele, guarda contigo, lembrando-te de que é que ele é amor; agora, dize-me apenas o seguinte: Será que o Amor, aquilo de que ele é amor, ele o deseja ou não?

- Perfeitamente - respondeu o outro.

- E é quando tem isso mesmo que deseja e ama que ele então deseja e ama, ou quando não tem?

- Quando não tem, como é bem provável - disse Agatão.

- Observa bem, continuou Sócrates, se em vez de uma probabilidade não é uma necessidade que seja assim; o que deseja, deseja aquilo de que é carente, sem o que não deseja, se não for carente. É espantoso como me parece, Agatão, ser uma necessidade; e a ti?

- Também a mim - disse ele.

- Tens razão. Pois porventura desejaria quem já é grande ser grande, ou quem já é forte ser forte?

- Impossível, pelo que foi admitido.

- Com efeito, não seria carente disso o que justamente é isso.

- É verdade o que dizes.

- Se, com efeito, mesmo o forte quisesse ser forte, continuou Sócrates, e o rápido ser rápido, e o sadio ser sadio - pois talvez alguém pensasse que nesses e em todos os outros casos semelhantes os que são tais e têm essas qualidades desejam o que justamente têm, e é para não nos enganarmos que estou dizendo isso- ora, para esses, Agatão, se atinas bem, é forçoso que tenham no momento tudo aquilo que têm, quer queiram, quer não, e isso mesmo, sim, quem é que poderia desejá-lo? Mas quando alguém diz: “Eu, mesmo sadio, desejo ser sadio, e mesmo rico, ser rico, e desejo isso mesmo que tenho”, poderíamos dizer-lhe: “Ó homem, tu que possuis riqueza, saúde e fortaleza, o que queres é também no futuro possuir esses bens, pois no momento, quer queiras quer não, tu os tens; observa então se, quando dizes “desejo o que tenho comigo”, queres dizer outra coisa senão isso: “quero que o que tenho agora comigo, também no futuro eu o tenha.” Deixaria ele de admitir?

Agatão, dizia Aristodemo, estava de acordo.

Disse então Sócrates: - Não é isso então amar o que ainda não está à mão nem se tem, o querer que, para o futuro, seja isso que se tem conservado consigo e presente?

- Perfeitamente - disse Agatão.

- Esse então, como qualquer outro que deseja, deseja o que não está à mão nem consigo, o que não tem, o que não é ele próprio e o de que é carente; tais são mais ou menos as coisas de que há desejo e amor, não é?

- Perfeitamente - disse Agatão. (203a a 204b)

- E quem é seu pai - perguntei-lhe - e sua mãe?

- É um tanto longo de explicar, disse ela; todavia, eu te direi. Quando nasceu Afrodite, banquetearam-se os deuses, e entre os demais se encontrava também o filho de Prudência, Recurso. Depois que acabaram de jantar, veio para esmolar do festim a Pobreza, e ficou pela porta. Ora, Recurso, embriagado com o néctar - pois vinho ainda não havia penetrado o jardim de Zeus e, pesado, adormeceu. Pobreza, então, tramando em sua falta de recurso engendrar um filho de Recurso, deita-se ao seu lado e pronto concebe o Amor. Eis porque ficou companheiro e servo de Afrodite o Amor, gerado em seu natalício, ao mesmo tempo que, por natureza amante do belo, porque também Afrodite é bela. E por ser filho o Amor de Recurso e de Pobreza foi esta a condição em que ele ficou. Primeiramente ele é sempre pobre, e longe está de ser delicado e belo, como a maioria imagina, mas é duro, seco, descalço e sem lar, sempre por terra e sem forro, deitando-se ao desabrigo, às portas e nos caminhos, porque tem a natureza da mãe, sempre convivendo com a precisão. Segundo o pai, porém, ele é insidioso com o que é belo e bom, e corajoso, decidido e enérgico, caçador terrível, sempre a tecer maquinações, ávido de sabedoria e cheio de recursos, a filosofar por toda a vida, terrível mago, feiticeiro, sofista: e nem imortal é sua natureza nem mortal, e no mesmo dia ora ele germina e vive, quando enriquece; ora morre e de novo ressuscita, graças à natureza do pai; e o que ele consegue sempre lhe escapa, de modo que nem empobrece o Amor nem enriquece, assim como também está no meio da sabedoria e da ignorância. Eis, com efeito, o que se dá. Nenhum deus filosofa ou deseja ser sábio - pois já é assim como se alguém mais é sábio, não filosofa. Nem também os ignorantes filosofam ou desejam ser sábios; pois é nisso mesmo que está o difícil da ignorância, no pensar, quem não é um homem distinto e gentil, nem inteligente, que lhe basta isso. Não deseja, portanto, quem não imagina ser deficiente naquilo que não pensa lhe ser preciso.

- Quais então, Diotima - perguntei-lhe -, os que filosofam, se não são nem os sábios nem os ignorantes?

- É o que é evidente desde já - respondeu-me - até a uma criança: são os que estão entre esses dois extremos, e um deles seria o Amor. Com efeito, uma das coisas mais belas é a sabedoria, e o Amor é amor pelo belo, de modo que é forçoso o amor ser filósofo e, sendo filósofo, estar entre o sábio e o ignorante. E a causa

dessa sua condição é a sua origem: pois é filho de um pai sábio e rico e de uma mãe que não é sábia, e pobre. Platão (1972, pp. 37s; 41s).

Explicação do texto:

A leitura: é recomendável que a leitura desses dois pequenos excertos de o Banquete seja feito pelo professor perante a classe pausadamente respeitando bem a pontuação e esclarecimento do vocabulário. Em seguida o professor pode apresentar a estruturação lógica dos dois textos aproveitando a oportunidade para explicar o que é raciocínio de um texto e como se faz sua estruturação.

Sugestão:

Estruturação do texto:

(199e-200e)

1 A natureza do Amor (Eros).

1.1 O amor é sempre amor de algo.

1.2 Por ser carente, o Amor é desejo daquilo que ama.

1.3 O amor deseja aquilo de que é carente sob duas formas:

1.3.1 Deseja aquilo que não tem atualmente.

1.3.2 Deseja conservar no futuro aquilo que tem atualmente.

1.4 As coisas que se deseja são aquelas que não se tem, mas das quais se carece.

(203e-204b)

1 A gênese mítica do Amor

1.1 Por ser filho de Pobreza e Recurso, o Amor é pobre, mas cheio de expedientes.

1.2 Em razão da sua gênese, o Amor não é mortal (como os homens) nem imortal (como os deuses), mas

um intermediário entre a sabedoria e a ignorância, amante do belo e desejo da sabedoria.

2 O Amor é filósofo

2.1 Os deuses não filosofam nem desejam ser sábios, porque já são.

2.2 Os ignorantes não filosofam nem desejam ser sábios, pois julgam que já o são.

2.3 Filosofam os que estão entre a sabedoria e a ignorância, e um deles é o Amor

Observação

Na discussão do primeiro excerto, atentar para a importância da afirmação de que o amor é desejo porque é carente daquilo que ama. Há muitas coisas que não temos, mas das quais não sentimos falta; por isso não

as desejamos. Só desejamos aquilo que somos carentes, quer dizer, algo que consideramos necessário porque nos faz falta. Esse sentido deve ser relacionado com o segundo excerto, no qual a filosofia, ou amor a sabedoria, é caracterizada como um desejo e busca e busca própria daqueles que não são sábios (os sábios não buscam a filosofia porque já a tem) nem ignorantes (o ignorante não tem sabedoria, mas como julga que já a possui, não a deseja porque não se sente carente dela). O filósofo é, então, aquele que não sabe, mas deseja saber por amar a sabedoria e porque tem consciência de sua ignorância e carência.

3- Avaliação

Com base no estudo do excertos de o Banquete, solicitar aos alunos que façam uma redação de dez a quinze linhas sobre o tema: “nem os deuses nem os ignorantes desejam a sabedoria”. Enfatizar a necessidade de que se apresentem argumentos para justificar as duas redações sugeridas pelo tema. Como é o primeiro exercício desse tipo, é recomendável orientar minuciosamente a tarefa a ser realizada. Também é importante que o aluno tenha um retorno sobre a correção, principalmente na forma de comentários genéricos (sem personalizar as observações) sobre os pontos positivos, os problemas encontrados e como superá-los. O professor pode, inclusive, anunciar previamente que as três redações que melhor conseguirem realizar a proposta serão lidas em classe.

A segunda metodologia trata-se de uma experiência vivenciada em sala de aula com uma turma do primeiro ano de ensino médio. Tal metodologia exige muito mais tempo para planejar as atividades/ações, mas obtém resultados significativos para o aluno.

5.2 Projeto: “Construindo Valores na Escola para Melhor viver em Sociedade”

TEMA: “Construindo Valores na Escola para Melhor viver em Sociedade”

1 JUSTIFICATIVA

Não é fácil falar dos valores quando se vive em um mundo com tantos desequilíbrios de comportamento. Por isso torna-se necessário adotar na escola, uma política de incentivo e propagação dos valores e da ética, uma vez que a educação em valores é uma exigência da sociedade atual.

Ao referir-se a educação em valores busca-se ressaltar a mesma como processo social, dentro de uma sociedade que visa, sobretudo, através da escola propiciar aos educandos a assimilação dos valores que de forma direta ou indireta estão presentes nos conteúdos das áreas desconhecimento, nos procedimentos e nas atitudes de toda a comunidade escolar e nas experiências humanas acumuladas no decorrer da historia, considerando a formação dos indivíduos enquanto cidadãos.

Diante da nova realidade da ESCOLA ESTADUAL MONSENHOR AMÂNCIO RAMALHO, muitas vezes os alunos tem dificuldades de por si só estabelecer uma hierarquia de valores, optou-se pela elaboração deste projeto "Construindo Valores na escola para melhor viver em sociedade", o qual propõe atividades que favoreçam aos estudantes refletirem criticamente sobre as mais variadas situações cotidianas, que se apresentam sem perder de vista a adoção de valores universais desejáveis.

Para tanto é necessário também refletir sobre a escola, enquanto local de formação de valores e atitudes e própria para que os estudantes possam alcançar além de sua autonomia intelectual, a sua autonomia moral. A escola é um espaço de formação do indivíduo, pois ela favorece o contato entre varias realidades e conhecimentos o que possibilita uma riqueza de vivências.

O projeto será desenvolvido no turno noturno, devendo ser observado as peculiaridades de cada turma, sendo o mesmo adaptado ao nível da turma, conhecimento dos alunos, para que os mesmos possam comprovar a construção de valores necessários para uma convivência saudável na escola e conseqüentemente expandir essa realidade para comunidade onde a escola está inserida.

2. VALORES PARA A VIDA

Desde o seu nascimento, o ser humano se relaciona com regras e valores da sociedade onde vive. Na família, há sempre uma ou mais pessoas que se responsabilizam pela sobrevivência e pela formação do novo elemento. Sendo neste aspecto o primeiro espaço de convivência de todo ser humano, mas não o único.

Ao lado da família, outras instituições sociais repassam valores e desempenham um papel na formação moral e no desenvolvimento de atitudes. A educação em valores, que se desenvolve na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas escolas nas manifestações culturais, nos movimentos e nas organizações sociais, é uma questão fundamental da sociedade atual, imersa numa rede complexa de situações e fenômenos que exige, a cada dia, intervenções sistemáticas e planejadas dos profissionais da educação escolar.

Entre as instituições sociais encontra-se a escola que como relata a revista Construir Notícias (2005. p.6):

Entre as diferentes ambiências humanas, a escola tem sido historicamente, a instituição escolhida pelo Estado e pela Família como o melhor lugar para o ensino aprendizagem dos valores, de modo a cumprir, em que tratando de educação para a vida em sociedade, a finalidade de pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o mundo do trabalho.

Neste contexto a educação escolar não se restringe apenas á transmissão de conhecimentos, mas na construção de sabores onde a educação escolar é entendida como processo de desenvolvimento físico, intelectual e moral do educando.

São inúmeros os valores que devem ser ensinados na escola. E, nosso movimento os valores interagem concomitantemente coma formação do indivíduo e sua atuação nas questões culturais e sociais emergentes em seu meio.

Segundo Rodrigues (2005.p.18):

A preocupação com valores está diretamente ligada a este momento educacional histórico, na qual o jovem solicita referencial de análise e

reflexão sobre os valores que possui os que procura experimentar e os da realidade, que estão a sua volta.

Sendo assim, a escola é o local onde os valores morais são passados e refletidos, não devendo ser impostos mas sim entendidos como necessários a boa convivência entre as pessoas.

Bartolomé (2005, p. 01) lança uma pergunta: "[..] quais são os valores que estamos vivendo? Quais são, de fato os valores que comunicamos (já que educamos pelo que somos, mais do que pelo que dizemos)?". Para responder este questionamento é importante compreender o que são valores, e qual sua importância para a sociedade.

Bartolomé complementa afirmando:

Os valores representam nossas manifestações objetivas e subjetivas. Correspondem aos nossos sonhos e a nossa realidade. Visam proporcionar formas possíveis de vida, de relacionamentos fundados numa ética (comportamentos esperados), I-alalar de valores a um mundo com tantos desequilíbrios de comportamentos é muito difícil.
(ibid.id)

A escola deve assumir seu papel social e individual na formação de seus alunos e também dos docentes, sendo essa uma ação social. É preciso se comprometer com o fazer dos outros adotando ações livres e responsáveis, sendo esse um dos princípios da educação.

É papel da escola promover a formação cognitiva de seus educandos, mas acima de tudo ela deve ter como missão a formação de personalidade, onde o docente não é apenas o mediador do conhecimentos, mas sim um sujeito que ensina aos alunos, aprendendo com eles.

É preciso refletir também que a escola, enquanto local, é próprio para que os alunos possam alcançar, além de sua autonomia intelectual, a sua autonomia moral.

A revista Construir Notícias (2005) no artigo "Prática de valores na escola" explica que a educação em valores é uma exigência da sociedade atual, neste tempo de globalização e de tantas mudanças tecnológicas e de novos paradigmas educacionais, políticos e culturais. A escola muitas vezes fica a margem de debates

sobre ética, cidadania, educação social, direitos e deveres, política entre outros temas que são debatidos por outros agentes sociais.

O currículo que muitas vezes prioriza os conteúdos didáticos, ainda está um pouco defasado, mesmo já tendo um grande avanço com os Parâmetros Curriculares Nacionais que desde o final da década de 90 chamou a atenção de se trabalhar com temas transversais entre eles a Ética que tem a divulgação dos valores como princípio.

Para realizar qualquer trabalho educativo que tenha como finalidade contribuir para a construção de valores, é necessário, ao professor, como requisito primeiro e essencial, participar efetivamente na construção do projeto que será desenvolvido pela escola. Nessa participação, está implicado um conhecimento crítico da realidade em que se desenvolve o trabalho do grupo com qual se vai intencionalmente estabelecer uma relação de aprendizagem, do conjunto dos profissionais na instituição e de si próprio dos limites e das possibilidades que se criam para o exercício de uma prática pedagógica competente.

A docência exige do professor uma série de condutas que o farão reconhecido como alguém que transforma o seu saber e o seu poder em recursos para o bem da coletividade com que trabalha, fazendo bem o que lhe compete. Exige, além disso, determinadas virtudes, qualidades, que poderio auxiliá-lo no dia a dia, como a humanidade, a curiosidade, a coragem, a capacidade de decidir e colocar limites, comprometendo-se na busca dos objetivos a que se propõe.

E o professor não deve esquecer que toda prática deve ser conseguida através do diálogo. Esta "arte" deve ser ensinada e cultivada principalmente na escola que é lugar fértil para este exercício onde o aluno pode através da fala, da escrita, das artes e tantas outras fontes expressarem e compartilhar suas ideias e opiniões e principalmente os valores que preza.

3. OBJETIVOS

A) OBJETIVOS GERAIS

Estimular a construção de uma postura crítica reflexiva quanto a formação de valores inerentes a solidariedade, justiça, fraternidade, liberdade e igualdade, tomando por base as experiências devida.

B) OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Possibilitar aos estudantes uma maior compreensão a respeito da importância e necessidade dos valores humanos para a construção de um bom projeto de vida.
- Promover a transversalidade dos conhecimentos sobre valores nas diversas áreas do conhecimento.
- Estimular o diálogo, a troca de ideias e de experiências como suporte para a resolução de conflitos enfrentados no cotidiano.
- Conhecer as normas de conduta essenciais para uma convivência saudável na comunidade.
- Possibilitar através da pesquisa o conhecimento dos valores necessários ao bom convívio entre os membros da sociedade.
- Estudar e analisar as normas e regras que definem os valores humanos.
- Produzir diversos tipos de textos ressaltando valores necessários para a convivência humana.

4- METODOLOGIA

Valores são enunciados únicos, mas não absolutos e nem arbitrários: individuais, mas que deveria da vida humana coletiva, portanto, constituídas culturalmente e historicamente a partir da relação entre indivíduos e o mundo constituído.

São os valores que fundamentam as ações, sejam elas subjetivas ou objetivas. Os valores são princípios nos quais se acredita, se luta e sobre os quais se organiza e se conduz a própria vida pessoal e profissional: dessa forma os valores são adquiridos, transmitidos e introjetados ao longo da vida nas diferentes relações que se estabelecem no cotidiano em casa, na escola, no lazer, nos grupos de amigos, entre outros.

Diferentes filósofos e pensadores difundem a ideia de que valores como justiça, liberdade, solidariedade, fraternidade e igualdade devem regular a convivência entre as nações e pessoas, tendo o homem como fim da existência humana.

Portanto, a escola pode ser o espaço da diversidade que atende a uma clientela, de diferentes meios socioculturais, familiares, experiências e aprendizagens, enfrenta um dos maiores desafios que é de criar condições para que o estudante possa assumir-se como autor de sua própria identidade. "[...] constituindo-se como sujeito moralmente autônomo e capaz de tomar nas suas mãos o seu destino no interior da comunidade"! GOERGEN. 2007. p. 22).

Nesse sentido a metodologia desse projeto visa propor diretrizes gerais para o trabalho a ser realizado na escola, considerando que a proposta parte da afirmação de que a formação de valores constrói-se a partir das experiências de vida. Tais experiências devem ser, portanto, detectadas e refletidas pelo estudante, com a intervenção do professor.

Dessa forma, os estudantes perceberão que os valores e as regras decorrentes dos mesmos, são necessários para a construção de um projeto de vida bem mais feliz.

Para que esse projeto seja executado, algumas estratégias metodológicas foram definidas como prioritárias:

- Sensibilização dos alunos em relação ao projeto
- Discussão e levantamento das regras do projeto
- Aplicação de instrumento diagnóstico para verificação e análise do saber dos alunos; Estudo de texto fornecidos pelo professor:
 - Simulação de situações de conflitos e onde o diálogo e o respeito seja essencial para solucioná-los:
 - Discussão sobre a importância de normas de conduta:
 - Estudos em grupo onde se discuta e questione: solidariedade, justiça, liberdade, fraternidade e igualdade entre ambos:
 - Levantamento de situações onde há desigualdade social, fazendo análise o nível de solidariedade, justiça e fraternidade:
 - Pesquisa em Internet:
 - Narrativas sobre situações que envolvam valores;
 - Criação de diversos tipos de texto: poemas, músicas, artigos, notícias, reportagens, anúncios e outras relacionados aos valores humanos:
 - Estudo e análise de leis e normas;
 - Produção de cordel;
 - Júri simulado;
 - Criação e apresentação de peça teatral.

No cotidiano da escola, os educadores ocupam papel essencial no processo educativo. Boa parte da responsabilidade da formação moral dos estudantes são deles. A postura desse profissional quando discute diferentes termos, transmite conhecimento e principalmente, toma-se exemplo de vivência do conjunto de valores que transmite. Por tanto, esse exemplo será sem dúvida uma das condições essenciais para a obtenção do êxito educativo.

7. CONTRIBUIÇÃO DAS SALAS DE APOIO PEDAGÓGICO

SALA	ATIVIDADES
LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA	Assessorar os alunos no tocante a pesquisa de materiais sobre valores atuais, tipos de valores, produção de vídeos, slaid, gravação de cds, publicação de textos no Blog da escola.
BIBLIOTECA	Favorecer o acesso a material escrito que enfoque os comportamento das diversas sociedades no tocante aos valores para convivência; Realizar um trabalho de acompanhamento e incentivo a leitura através de sarau de leitura, exposições auxilio ao professor com as pesquisas.
TV ESCOLA	Através do acervo da videoteca, selecionar algumas produções pertinentes de forma a auxiliar os alunos e professores no desempenho do projeto culminando com a produção pelos alunos de pequenos vídeos sobre o que foi pesquisado.

Esse projeto que tem como objetivo maior despertar no nosso aluno, funcionários e demais pessoas que fazem parte da comunidade, a consciência de que os valores são indispensáveis a boa convivência nos grupos dos quais fazemos parte e na sociedade em geral. Por isso a avaliação do mesmo será continua com o intuito de favorecer a todos que dele fizeram parte, uma nova postura frente á aquisição do conhecimento abrindo espaço á pesquisa, ensinando a todos a aprender. a criar, a imaginar, a comunicar c permitir constante replanejamento nos conteúdos e objetivos, permitindo assim, ao aluno, sua participação efetiva no processo de aquisição dos conhecimentos.

Desta forma, avaliaremos este projeto, estabelecendo critérios claros c precisos que contemplem a observação, a iniciativa, o nível de conhecimento adquirido através das atividades desenvolvidas, além de estimular a auto avaliação em todo processo, considerando erros c acertos como parte deste mesmo processo

e necessários para formação de um indivíduo crítico e consciente do seu papel na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na visão de Kant, o homem é a única criatura que precisa ser educada. Por educação entende-se o cuidado de sua infância, a conservação, o trato, a disciplina e a instrução para viver em sociedade. As instituições de ensino se responsabilizaram pela educação formal em que se trata de repassar os conteúdos sistematizados importantes para a vida, para a formação profissional e para o exercício da cidadania.

No que se refere ao ensino de filosofia na educação básica do Brasil, observou-se que em seu contexto histórico, a disciplina de filosofia passou por um frustrante entra e sai nos currículos escolares. Um evento que pôde ser observado desde o império até sua implantação definitiva, em 2008. Tais acontecimentos foram motivados por questões ideológicas, ora estimulando o pensamento crítico, ora inibindo, prejudicando a disciplina.

O processo de ensino e aprendizagem da filosofia depende de três fatores importantes, a saber, a formação do professor, metodologia e alunado. Esse tripé está imbricado na própria prática pedagógica docente.

A formação profissional do professor, numa perspectiva neoliberal, fica comprometida, pois o mesmo é visto como uma peça dentro de um sistema capitalista e explorador que o limita à práticas arcaicas, podendo todo pensamento crítico, reflexivo e criativo. Detectou-se que a deficiência na formação didática dos cursos de licenciatura é um problema para o ensino da filosofia, constituindo um problema para o professor de filosofia da educação básica. Assim, a formação profissional do professor fica afetada.

A metodologia deve ser libertadora, questionadora em sua própria essência, produzindo práticas transformadoras levando o ensino de filosofia a cumprir seu propósito, que é desenvolver a consciência crítica do aluno. Conclui-se que o projeto pedagógico como método de ensino é eficaz na didática do ensino de filosofia. O mesmo parte de questionamentos e da necessidade de compreender e refletir sobre determinado problema, instigando a curiosidade e o espírito pesquisador do aluno.

Nessa perspectiva, o aluno constrói o conhecimento baseado na reflexão e questionamentos, conduzidos pelo professor numa sala de aula dinâmica e provocadora. Desta forma, o aluno relaciona os conteúdos e conceitos filosóficos

com as suas vivências cotidianas, contrariando conteúdos livrescos que não acrescentam nada ao seu mundo de conhecimento.

Constatou-se durante a pesquisa que o alunado de hoje com todas as suas demandas, numa sociedade interligada e conectada, exige que as aulas sejam com metodologias inovadoras, enfocadas na pesquisa. Faz-se oportuno aproximar a abstração dos conteúdos filosóficos com a realidade do dia-a-dia do aluno, sensibilizando-os a respeito da importância de refletir sobre a vida e suas condições sociais de existência. Quebrando, desta forma, barreiras e preconceito sobre a filosofia.

Refletir sobre nossa existência e condições sociais são próprias da atitude filosófica. A filosofia, enquanto disciplina, se constitui uma ferramenta importante e eficaz na formação dos jovens. Assim, diante do que foi pesquisado, a filosofia é uma prática, um modo de aprender, de conhecer o mundo que exige paciência e convencimento.

REFERÊNCIAS

ARCE, Alessandra: Compre o Kit Neoliberal para a Educação e Ganhe Grátis os Dez Passos Para se Tornar um Professor Reflexivo, **EDUCAÇÃO & SOCIEDADE**, Rio de Janeiro, 74, Abril/2001.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394. Brasília: MEC, 1996.

———. **Ministério da educação**. Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio. Resolução CNE/CEB Nº 2/2012.

FRIGOTTO, Gaudêncio: Circuitos da História e o Balanço da Educação no Brasil na Primeira Década do Século XXI. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, 16,46, Janeiro,2011.

GHEDIN, Evandro. **Ensino de Filosofia no Ensino Médio**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

OLIVEIRA Cássia Marcela Araújo de, ——— Andréia Marcela Araújo de. O Panorama Curricular do Ensino de Filosofia no Brasil. **Artifícios Revista do Difere** – ISSN 2179 6505, 2, 4, dez/2012. Belém/PA

REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**: Antiguidade e Idade Média; São Paulo: Paulos, 1950. (coleção filosofia), (pág. 165).

RUMFORD, Lewis. **A Cidade na História**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.

ANEXOS



Projeto = Construindo valores para uma sociedade

Hoje em dia é muito importante viver em uma sociedade melhor para nossas vidas. Só que está acontecendo ao contrário por que os jovens de hoje são muito irresponsáveis, sem respeito nenhum com ninguém, não tem com o próximo respeito pai e mãe desrespeita aos mais velhos e etc.

Nos jovens deveríamos ser mais paciente, ter mais amor no coração honrar pai e mãe que terá vida longa, não beber fumar ou matar.

Keylla Sayonnara

1º Ano "C"



Depoimento de aluno

Projeto "Construindo valores para uma sociedade de melhor."

Depoimento

Os valores um pouco sobre eles, vou falar sobre dois tipos entre vários o valor de você e o valor da vida.

Valores são o conjunto de características de uma determinada pessoa para a vida e a existência e o período que decorre entre o nascimento e a morte. Já o valor de você e você saber valorizar = si e valorizar o próximo porque muitos jovens não sabem valorizar.

Os jovens de hoje são rebeldes muitos não respeitam o próprio pai. Não tem respeito com o próximo mas dele de consentir e valorizar o próximo por que se valorizar = si sempre valorizar o próximo.

Respeitar uma pessoa é o mesmo que desrespeitar o outro, nós seres humanos precisamos uns dos outros para nascer e crescer um ser para que pratiquemos e educar-nos com os valores da nossa vida.

Aluna = Ana Lídia Akis Pereira

Turma = 1º Ano "C"

Turno = noite





